

TÍTULO DO ARTIGO

Festejos divinos: Algumas observações sobre a *FESTA DE IEMANJÁ*, em Salvador – Bahia – como espaço para reafirmação da identidade afro-baiana e, ao mesmo tempo, para a celebração de múltiplas identidades.

Mércia Maria Aquino de Queiroz¹

Resumo: O presente artigo tem como foco a tradicional *Festa de Iemanjá* - manifestação popular afro-religiosa, parte do escopo dos setores criativos no campo do patrimônio imaterial brasileiro - que é realizada, anualmente, em Salvador no dia 2 de fevereiro, na perspectiva de iniciar o desafio de uma reflexão sobre a importância dessa festa para a reafirmação da identidade afro-baiana e, ao mesmo tempo, como um importante espaço de celebração de múltiplas identidades. Aponta para inflexões com os processos midiáticos, turísticos e de mercantilização que estes festejos experimentam na contemporaneidade, passando a exigir cuidados, tanto na perspectiva de estudos e pesquisas que possam dar conta das novas configurações e problemáticas daí decorrentes, como e especialmente por parte das políticas culturais responsáveis pela proteção e promoção do patrimônio cultural.

Palavras-chave: festa de iemanjá; identidades; diversidade cultural.

Iemanjá: a dona da festa

O culto aos orixás femininos não se completa sem Iemanjá, a senhora das águas, mãe dos deuses, dos homens e dos peixes, aquela que rege o equilíbrio emocional e a loucura, talvez o orixá mais conhecido do Brasil. (PRANDI. 2001, p. 22)

Registra-se que o culto a *Iemanjá* foi introduzido na Bahia pelos negros africanos da Costa do Guiné. De acordo com uma lenda africana² relatada pelo antropólogo Pierre Verger (1997, p. 190), *Iemanjá* é filha de Olokum, deus (em Benin)

¹ Produtora Cultural, doutoranda no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, pesquisadora membro do Observatório de Economia Criativa da Bahia. E-mail: melaquinoqz@gmail.com.

² Iemanjá foi casada com Orunmilá, senhor das adivinhações, e pela segunda vez com Olofin, rei de Ifé, com quem teve dez filhos. Porém, Iemanjá estava cansada da vida que levava em Ifé e fugiu. O pai, por medida de precaução, dera-lhe uma garrafa com um “preparado” para ser derramado no chão em caso de grande necessidade, de extremo perigo. O marido colocou o exército à procura da mulher. Quando se viu cercada, Iemanjá seguiu as recomendações do pai, quebrou a garrafa e derramou o líquido. Imediatamente formou-se um rio que a levou para o oceano, residência de Olokum. Assim, ela se tornou a rainha do mar.

ou deusa (em Ifé) do mar. Diz-se que na Bahia, os seguidores do candomblé acreditam na existência de sete iemanjás³.

A festa em homenagem e devoção à Mãe-d'água, ou *Rainha do Mar - Festa de Iemanjá* - inventada e celebrada pelos pescadores todos os anos no dia 2 de fevereiro, no Rio Vermelho, desde o início nos anos de 1900, tornou-se uma das mais concorridas e tradicionais festas do calendário religioso e popular do estado da Bahia, sendo a única festividade deste calendário efetivamente ligada ao mundo do candomblé, como ressalta a historiadora Edilece Couto (COUTO, 2013).

Os rituais da tradicional festa, em Salvador, começam na noite anterior, quando ialorixás, filhas (os) de santo e os devotos se dirigem ao Dique do Tororó para fazer uma oferenda a Oxum, orixá das águas doces. Na madrugada do dia 2 de fevereiro, a alvorada de fogos no Rio Vermelho anuncia o início da festa com a concentração para a entrega dos presentes onde tem a *casa da dona da festa*, a “Casa de Iemanjá”. A festa atinge o seu clímax quando pescadores, devotos e diversas embarcações se põem ao mar, em procissão, para levar a Iemanjá toda sorte de presentes ofertados seja em forma de pedidos ou em agradecimento a graças obtidas.

Para além do seu apelo simbólico-religioso de grande importância para os devotos do Orixá, a festa é considerada um dos fortes atrativos para o turismo em Salvador, durante o verão, tanto pelos governos estadual e municipal como por hotéis, bares e restaurantes. De acordo com a Colônia de Pesca – Z01, responsável pela organização da festa, mais de seiscentas mil pessoas participam da festa no Rio Vermelho, atualmente⁴, requerendo a organização e montagem de infraestrutura especial de segurança, saúde, trânsito e transporte, tanto por parte do poder público municipal como estadual.

Vale ressaltar que a *Festa de Iemanjá* também é celebrada em outras praias brasileiras e fora do país. No caso do nosso país, de acordo com Armando Vallado (VALLADO, 2011, p 40), em função da crescente presença da população nestas festas celebradas em homenagem a esse orixá, seja pela fé ou pelo menos pela emoção da

³ Iemanjá Awoyó, mora no mar e repousa na lagoa. Iemanjá Ogunte, mulher de Ogun, o orixá da guerra, vive nos arrecifes próximos da praia e é a guardiã de Olokum. Iemanjá Maleleo, vive no mato, num lago ou numa fonte de água inesgotável; Iemanjá Konla ou Akura, vive na espuma da ressaca da maré, vestida de algas. Iemanjá Apará, vive na confluência de dois rios; Iemanjá Asesu é a mensageira de Olokum e vive em água agitada. (VERGER, 1997, p. 191-192).

⁴Fonte: G1 BAHIA. REDE BAHIA. 02/02/2017 17h06 - Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2017/02/cortejo-de-embarcacoes-entrega-presentes-dos-devotos-iemanja.html>> Acesso em 06/02/2017.

participação coletiva, torna-se possível declarar Iemanjá, como o orixá mais popular do Brasil, visto pelo povo do candomblé, pelo povo da umbanda ou ainda pela sociedade como um todo.

As Festas Populares na contemporaneidade – interconexões

O campo cultural brasileiro, especialmente no que diz respeito às políticas públicas, vem passando por significativos avanços desde a gestão do ministro Gilberto Gil. Quer no que diz respeito ao entendimento conceitual de cultura e à compreensão de suas dimensões (simbólica, econômica e social/cidadã)⁵, assim como na sua transversalidade com outros aspectos da vida social (educação, meio ambiente, saúde, entre outros); ao respeito à diversidade do país, ao reconhecimento da importância do papel (ativo) do Estado na formulação e implementação de políticas de cultura no país, assim como ao fundamental papel da sociedade civil como partícipe nesse processo.

Nesta perspectiva antropológica e para efeito deste trabalho, considera-se *a festa* como um fenômeno sociocultural que é indissociável da história, da economia, das relações de poder e da organização das sociedades humanas (FARIAS, 2005; CAVALCANTI, 2013). Tanto no Brasil como no plano internacional as festas (de tamanhos, sentidos e significados diversos) são reconhecidas como um âmbito privilegiado de expressões do *patrimônio cultural imaterial* – aquele que representa o conjunto dos usos, representações, expressões, conhecimentos e técnicas junto com instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhe são inerentes que as comunidades, grupos e, em alguns casos, indivíduos reconheçam como parte integrante de seu patrimônio cultural (UNESCO 2011).

De acordo com Marcia Sant’Anna, na sua reflexão sobre a festa como patrimônio cultural, as celebrações coletivas, sejam religiosas - como a ***Festa de Iemanjá*** na Bahia - ou não, são poderosos “marcadores” de espaços e instituidores de lugares e territórios aos quais memórias, sentimentos de identidade e de pertencimento

⁵ A Política Nacional de Cultura considera que a **dimensão simbólica** se fundamenta na ideia de que é inerente aos seres humanos a capacidade de simbolizar, que se expressa por meio de diversas línguas, valores, crenças e práticas. Nessa perspectiva, também chamada antropológica, a cultura humana é o conjunto de modos de viver, os quais variam de tal forma que só é possível falar em culturas humanas, no plural. Adotar a dimensão simbólica possibilita superar a tradicional separação entre políticas de fomento à cultura (geralmente destinadas às artes) e de proteção do patrimônio cultural, pois ambas se referem ao conjunto da produção simbólica da sociedade. A **dimensão cidadã** fundamenta-se no princípio de que os direitos culturais fazem parte dos direitos humanos e devem constituir-se como plataforma de sustentação das políticas culturais. Essa dimensão está garantida na Constituição Brasileira. A **dimensão econômica** compreende que a cultura, progressivamente, vem se transformando num dos segmentos mais dinâmicos das economias de todos os países, gerando trabalho e riqueza. Mais do que isso, a cultura, hoje, é considerada elemento estratégico da chamada nova economia ou economia do conhecimento, que se baseia na informação e na criatividade, impulsionadas pelos investimentos em educação e cultura.

estão associados. Seu potencial simbólico é, portanto, incomensurável (SANT'ANNA, 2013, p.21).

Nesta perspectiva trazemos Milton Santos, para o qual o território em si só tem importância para a análise social se pensado juntamente com os atores que dele se utilizam – cada lugar é, à sua maneira, o mundo. No entanto, com a globalização, esse conceito tem sua importância ampliada, em parte, pela competitividade por mercados, uma vez que revaloriza os lugares e os lugares, por sua vez, potencializam a globalização na forma em que está aí, privilegiando a competitividade por faixas de mercado, a depender do que estes podem oferecer às empresas (SANTOS, 2000, p.22-23).

Nesses fluxos contemporâneos de capital, pessoas, objetos e informações que ocorrem nessa relação de mão dupla, alguns lugares são vistos como especiais, estratégicos, singulares – como a cidade de Salvador e o Recôncavo – pelo fato de concentrarem o maior número de afrodescendentes em sua população - que ainda hoje preservam, criam e reinventam suas culturas não apenas, mas, principalmente, a partir das matrizes africanas, portanto considerados ambientes ricos em sentido de lugar, tornando-se um diferencial básico dos produtos oferecidos pelas novas tendências do turismo, como o turismo cultural e seus segmentos.

Mesmo reconhecendo-se a diversidade cultural do estado, a capacidade de diálogo entre o local e o global, tradições e inovações, quase sempre o discurso que os baianos produzem, ou que foram produzidos por outros sobre eles – especialmente referentes a essas localidades –, e que são por eles referendados e assimilados, ainda privilegia o passado, a origem africana da população negro-mestiça e a presença dos orixás para continuação da África na Bahia (MOURA, 2001, p.56).

No entendimento de que as identidades são sempre social e culturalmente construídas em função de diversos interesses (HALL, 2005, p.51; RUBIM, 2001, p.73-75) e de que as identidades coletivas consistem de discursos que buscam o que é comum, o que é compartilhado, observa-se que podem existir muitas “Bahias”, ou seja, várias versões identitárias de um jeito de ser baiano, de certa “baianidade”, dando ao estado supostos traços culturais singulares, para o que contribuem uma infinidade de autores tanto nativos como visitantes.

Para Milton Moura (2001), por exemplo, a “baianidade” pode ser entendida como uma representação – “Especializamo-nos no próprio acontecimento de ser baiano, em nos dizermos baianos; vestimos a nossa fantasia a ponto de tomá-la, muitas vezes, o nosso traje cotidiano” – com traços característicos como a sensualidade, a familiaridade, a religiosidade e também a negociação política. (MOURA, 2001 apud RUBIM, 2005, p. 119).

Certamente, esses não são os únicos discursos sobre a sociabilidade em Salvador, que vem sendo explorado ao longo do tempo e por diversos estudiosos. No

entanto, essa mescla de “baianidade” e “negritude” – aqui entendida como nos sugere Patrícia Pinho (2004, p. 24), ou seja, “o conjunto de características relacionadas ao processo de ser, sentir-se e tornar-se negro” – na Bahia, local de nosso interesse, ao contrário do que vem sendo afirmado pelo discurso da “convivência pacífica” entre raças, não ocorre de modo simplificado, mas em meio a contradições, negociações, jogos de interesses e relações desiguais de poder. O que certamente se reflete, também, no território da Festa de Iemanjá, na cidade de Salvador.

Após essa breve incursão por alguns olhares sobre a Bahia e suas singularidades, observamos que, a despeito das intenções presentes nos discursos governamentais sobre a importância que a cultura e o turismo para o desenvolvimento dessas localidades e da afirmação discursiva de aspectos culturais étnicos como atrativos também para o turismo, inclusive no caso da *Festa de Iemanjá*, acreditamos que parece haver na Bahia, uma relação inversamente proporcional entre a grande contribuição deste “grupo étnico” para o mercado simbólico e os lucros / benefícios que a sua maioria tem obtido com a exploração desses bens.

Nesse sentido, é possível que grande parte deste grupo esteja também ausente do processo de planejamento e gerenciamento da Festa e venha a ocupar uma posição secundária em relação às oportunidades geradas pelo turismo durante a sua realização e na distribuição dos resultados esperados dessa atividade, o que se contraporia à ideia de desenvolvimento local de modo incluyente. Por outro lado, é possível também que nem todos os que faturam com a comercialização da cultura afrodescendente (sejam estes negros ou não) na *Festa de Iemanjá*, tenham real interesse e respeito pelos sujeitos que a produzem ou pela diversidade cultural desta população.

Algumas observações da dinâmica festiva em 2017

Na cena contemporânea, para além do seu apelo simbólico-religioso de grande importância para os devotos do orixá, a *Festa de Iemanjá* é uma das mais concorridas e tradicionais festas do calendário religioso e popular do estado da Bahia, sendo considerada como um dos fortes atrativos para o turismo na capital baiana, durante o verão, tanto por parte dos governos estadual e municipal como por parte de hotéis, bares e restaurantes.

Atualmente mais de seiscentas mil pessoas participam da festa no Rio Vermelho, de acordo com a Colônia de Pesca⁶, requerendo a organização e montagem de infraestrutura especial de segurança, saúde, trânsito e transporte, tanto por parte do poder público municipal como estadual.

Modificações de trânsito são feitas no bairro e imediações, com prolongamento dos horários de operação de linhas de ônibus e alterações no itinerário dos coletivos que passam pelo Rio Vermelho. Para a segurança da festa, segundo informações da Secretaria de Segurança Pública (SSP-BA), participaram do esquema policial mais de 900 profissionais (policiais civis e militares, além de bombeiros), que iniciaram seus trabalhos no dia anterior, acompanhando a arrumação dos presentes e reforçando o policiamento durante todo o dia da festa. Já os 160 agentes da Guarda Civil Municipal (GCM) realizaram apoio às atividades da Secretaria Municipal de Ordem Pública (SEMOP), no ordenamento e fiscalização do comércio informal, nas ações de barreiras de trânsito, além de colaborar com a segurança pública, desenvolvendo patrulhamento preventivo em toda área da festa.

A Coordenadoria de Salvamento Marítimo do Município (SALVAMAR) também atuou na festa com 12 salva-vidas, um posto móvel na Praia do Rio Vermelho, um jet ski e um bote que acompanhou a entrega dos presentes à Iemanjá. Para assegurar os serviços de saúde pública durante o evento festivo foi montado um módulo assistencial com seis leitos, dois médicos, dois enfermeiros e três técnicos. Também esteve de prontidão uma ambulância de suporte básico do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU)⁷. Para trabalhar na Festa de Iemanjá a Secretaria Municipal de Ordem Pública (SEMOP) cadastrou cerca de 400 ambulantes com isopor, 70 barracas e 12 food trucks⁸.

Além do *presente principal* dos pescadores, preparado de acordo com ritos e fundamentos sagrados e secretos do candomblé, ainda de acordo com o presidente da Colônia de Pesca Z01, cerca de 300 balaios com as oferendas de centenas de fiéis foram levados para o alto-mar num cortejo que contou com a participação de 200 embarcações,

⁶Fonte: G1 BAHIA. REDE BAHIA. 02/02/2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2017/02/cortejo-de-embarcacoes-entrega-presentes-dos-devotos-iemanja.html>>. Acesso em 06/02/2017.

⁷Todas as informações sobre a infraestrutura pública para a Festa de Iemanjá em 2017 estão disponíveis em: G1 BAHIA. REDE BAHIA. 01/02/2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2017/02/veja-esquema-completo-para-festa-de-iemanja-no-rio-vermelho.html>>. Acesso em 03/02/2017.

⁸ Fonte: BLOGDORIOVERMELHO. Quinta Feira, fevereiro, 02/2017. Disponível em: <<https://blogdoriovermelho.blogspot.com.br/2017/02/400-ambulantes-cadastrados-para-festa.html>>. Acesso em 03/02/2017.

durante a tarde.⁹ Durante todo o dia na festa observa-se a participação de diversas expressões da cultura baiana como capoeiristas, grupos de samba de roda, blocos afros, fanfarras, grupos percussivos, grupos de fantasiados, etc.

Várias outras festas particulares também ocorrem no Rio Vermelho, além da festa pública, promovidas por hotéis, restaurantes e bares com atrações musicais variadas, com cobrança de ingresso/camisa que variam de preço (de R\$10,00 a R\$120,00), sendo que a maior parte deles ofereciam música, buffet de feijoada e bebidas. Dentre as principais festas privadas em destaque, estiveram: A “*Feijoada para Iemanjá*” no Botequim São Jorge; Carlinhos Brown comandando o evento *Enxaguada de Yemanjá*, realizada na Vila Caramuru, antigo Mercado do Peixe, reunindo diversos artistas nacionais; dentre outras¹⁰.

Vale destacar aqui dois novos movimentos observados em torno da festa de Iemanjá em Salvador, nos últimos anos. O primeiro deles refere-se a crescente e importante presença de diversos artistas, grupos e coletivos culturais participantes e demarcando (dando-se visibilidade) seus espaços, como por exemplo a artista Ana Dumas (artista de intervenções urbanas) com seu carrinho multimídia; o *Coletivo de Tambores*; o *Coletivo Mídia Louca*, dentre muitos outros. O que nos leva a crer que a *Festa de Iemanjá* se configura, cada vez mais, como um lugar fundamental para visibilizar e valorizar a diversidade cultural, no qual o Orixá abraça a todos e todas que se fazem presentes no território reservado à sua celebração – o bairro do Rio Vermelho – independente de crenças, cores, raças, idades, gêneros, orientações, formações e números, possíveis e aparentemente impossíveis.

O segundo movimento refere-se à atração de pessoas, organizações e ambientalistas preocupados com a questão da poluição do mar e da sustentabilidade do planeta. Adeptos do candomblé, como Mãe Stela de Oxóssi do Ilê Axé Opô Afonjá vem, desde 2016, orientando seus filhos a adaptar os ritos às transformações do planeta e da sociedade, ofertando à Iemanjá cânticos ao invés de presentes que possam poluir o

⁹Fonte: G1 BAHIA. REDE BAHIA. 02/02/2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2017/02/cortejo-de-embarcacoes-entrega-presentes-dos-devotos-iemanja.html>>. Acesso em 06/02/2017.

¹⁰Fonte: G1 BAHIA. REDE BAHIA. Dia de Iemanjá tem diversas festas em Salvador, na quinta-feira (2); veja lista. 30/01/2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/musica/noticia/2017/01/dia-de-iemanja-tem-diversas-festas-em-salvador-na-quinta-feira-2-veja-lista.html>>. Acesso em 31/01/2017.

mar¹¹. Outra iniciativa interessante é a do Projeto Corais da Baía que lançou uma “*Carta aberta à população pela sustentabilidade na Festa de Iemanjá*”, em 2017, na qual levanta a incoerência entre as intenções da festa e o resultado para o meio ambiente propondo que se mantenha a tradição das oferendas com sustentabilidade, usando materiais biodegradáveis; fazendo balaios coletivos com folhas, etc.¹²

Assim é que, na contemporaneidade manifestações como a *Festa de Iemanjá*, em Salvador, ocupam lugar de destaque na vida social de localidades pelo seu aspecto simbólico e, ao mesmo tempo, experimentam inflexões com os processos midiáticos, turísticos e de mercantilização passando a exigir cuidados, tanto na perspectiva de estudos e pesquisas que possam dar conta das novas configurações e problemáticas daí decorrentes, como e especialmente por parte das políticas culturais responsáveis pela proteção e promoção do patrimônio cultural.

Reafirmando a identidade afro-baiana e celebrando múltiplas identidades.

Na perspectiva da devoção, a fé no Orixá leva os adeptos do candomblé e da umbanda à enseada do Rio Vermelho onde realizam seus rituais dedicados à *Iemanjá*. Ainda que a devoção esteja sendo ali demonstrada pelo mesmo Orixá, cada grupo religioso tem suas particularidades e aproveita a oportunidade para reforçar, naquele encontro com a ancestralidade, o sentido de sociabilidade que os une e a fé na rainha do mar.

Para os que cultuam *Iemanjá*, participar da sua festa pode significar a afirmação de pertencimento à comunidade do Axé, do povo de santo, à sua comunhão com o Orixá (com sua força feminina, materna, protetora, generosa) regente ou não de sua cabeça, ali no espaço sagrado da beira do mar, ainda que nem todos pertençam a um único terreiro de candomblé ou de umbanda (são muitos e de diferentes nações) e que (man) tenham suas tradições, suas singularidades e suas particularidades. O sentimento de pertencimento àquele grupo devotado ao Orixá; a proteção do simbólico e das práticas religiosas; a comunhão entre as mães de santo, pais de santo, filhos de santo e filhas de

¹¹ Fonte: A TARDE. UOL.OPINIÃO. Presença, sim! Presente, não! Maria Stella de Azevedo Santos | Iyalorixá do Ilê Axé Opô Afonjá. 21/12/2015 às 22:38. Atualizado em: 02/02/2017 às 11:41. Disponível em:<<http://atarde.uol.com.br/opiniao/noticias/1734286-presenca-sim-presente-nao>>. Acesso em 03/02/2016.

¹²Fonte: PROJETO CORAIS DA BAIA. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/projetocoraisdabaia/posts/650765231794105:0>> Acesso em 03/02/2017.

santo parece se reafirmar a cada edição da festa e reforçar a importância afro-religiosa da festa, o culto ao Orixá – *Iemanjá*.

Todos estes elementos são importantes como forma de expressão da vida e tradições que estas comunidades, grupos e indivíduos, recebem de seus ancestrais e compartilham seus conhecimentos com as novas gerações.

Lembramos que os negros baianos, apesar das conquistas obtidas ao longo das últimas décadas, ainda buscam oportunidades reais na vida e necessitam disputar e negociar espaços de poder e de voz na sociedade, incluindo-se aí os espaços na ambiência da cultura e do turismo ainda que seja, este último, o cultural; a identidade “étnica” atribuída ao povo negro baiano, visando a atrair o mercado turístico, pode também não dar conta de todos os grupos e identidades existentes e assumidas por essa mesma população.

Na perspectiva da diversão, já vimos que a festa também atrai inúmeros outros agentes, não necessariamente religiosos, que dela participam, individualmente ou em grupos, tanto pela fé no Orixá (lá vão fazer seus pedidos, agradecer, pedir bênçãos, etc.) – como também para trabalhar, marcar presença/espços de poder; ainda outros vão para verem e serem vistos. Como parte desses grupos podemos citar: artistas de variados segmentos artísticos, de amigos, de políticos, de gêneros específicos; de profissões comuns; turistas; etc. Alguns destes agentes combinam a devoção com a diversão, outros apenas uma coisa ou outra. Nem todos compreendem o sentido simbólico da festa.

Seja pela devoção e/ou pela diversão, cada participante leva consigo para a Festa de Iemanjá seus repertórios culturais, fazendo com que ela seja tanto um espaço para a reafirmação da identidade negra (através do culto e rituais dedicados ao Orixá – Iemanjá), como também um importante espaço de celebração de múltiplas identidades. Nesta perspectiva a festa de Iemanjá pode se apresentar também como espaço de resistência, de contradições e de tensões.

Diante dessas breves e sucintas reflexões, parece-nos importante que, num mundo crescentemente global, as diversas localidades explorem as oportunidades favoráveis à afirmação das suas especificidades e à valorização desses lugares, inclusive pelo turismo, o que só nos parece possível com a valorização, em primeira instância, da população local, ou seja daqueles que criam, protegem e reinventam suas expressões culturais.

Para finalizar a única coisa da qual tenho certeza, nesse processo inicial de pesquisa é que no compartilhamento do espaço festivo, entre interesses simbólicos, identitários, políticos, ambientais, comerciais e culturais, quem reina e continuará reinando é ela – *Iemanjá* – a Mãe-d'água, a dona das marés cheias e vazantes, a *Rainha do Mar*. O Orixá é a razão maior da festa existir. *Odoíá!*

REFERÊNCIAS

A TARDE. UOL.OPINIÃO. Presença, sim! Presente, não! Maria Stella de Azevedo Santos. Iyalorixá do Ilê Axé Opô Afonjá. 21/12/2015 às 22:38. Atualizado em: 02/02/2017 às 11:41. Disponível em:<<http://atarde.uol.com.br/opinio/noticias/1734286-presenca-sim-presente-nao>>. Acesso em 03/02/2016.

CAVALCANTI, Bruno Cesar. **Novos Lugares da festa – Tradições e Mercados**. In: Revista do Observatório Itaú Cultural, 2013, pag. 13.

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)**. Tese de Doutorado em História – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis-SP, 2004.

FARIAS, Edson. **Economia e cultura no circuito das festas populares brasileiras**. In: Sociedade e Estado, Brasília, vol. 20 n. 3, p. 647-688, dez. 2005.

G1 BAHIA. REDE BAHIA. *Cortejo de embarcações entrega presentes dos devotos a Iemanjá. Barcos com as oferendas saíram para o mar por volta das 16h. Flores foram o principal presente escolhido pelos devotos*. 02/02/2017 17h06. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2017/02/cortejo-de-embarcacoes-entrega-presentes-dos-devotos-iemanja.html>> Acesso em 06/02/2017.

HALL, Stuart. A Identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.51.

MOURA, Milton. Identidades. In: RUBIM, Antônio Albino C. (Org.). Cultura e atualidade. Salvador: EDUFBA, 2005. p.119.

_____. Bahia, Bahia, que lugar é este? (Entrevista). Revista da SBPC Cultural, Salvador: Universidade Federal da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão, 13 a 18, p. 56-59, jul. 2001, pág. 56. 53ª. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o progresso da Ciência.

PINHO, Patrícia de Santana. Reinvenções da África na Bahia. São Paulo: ANNABLUME Editora, 2004, pág. 24.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**; Ilustrações de Pedro Rafael. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 22

PROJETO CORAIS DA BAIA. Facebook. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/projetocoraisdabaia/posts/650765231794105:0>> Acesso
em 03/02/2017.

RUBIM, Antônio Albino C. Bahia, Bahia, que lugar é este? (Entrevista). Revista da SBPC Cultural, 53ª. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o progresso da Ciência. Universidade Federal da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão, 13 a 18 jul.2001, p. 73-75.

SANTOS, Milton. Território e Sociedade: entrevista com Milton Santos. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000, pág. 22-23. Entrevistadores: Odeth Seabra, Mônica Carvalho e Jose C. Leite.

SANT'ANNA, Márcia. *A Festa como Patrimônio Cultural: Problemas e Dilemas da Salvaguarda*. In: **Revista Observatório Itaú Cultural: OIC. - N. 14** (mai.2013). São Paulo: Itaú Cultural, 2013. p. 21.

UNESCO. Textos fundamentales de la Convención para la Salvaguardia del Patrimonio Cultural Inmaterial. Paris: Sector de Cultura/ Unesco, 2011.

VALLADO, Armando. **Iemanjá, a Grande Mãe Africana do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011. (p. 40).

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: Corrupio, 1997 (p. 190-192).